



Sérgio Buarque de Holanda

# O homem que fez História

Beatriz Bonfim

O fecho da exposição **Sérgio, renovador**, que será inaugurada hoje às 19h na Fundação Casa de Rui Barbosa, não poderia ter sido melhor escolhido: "Gostaria de escrever uma História na qual o povo fosse o principal personagem". A frase, confidenciada a amigos antes de morrer, em 1982, espelha bem o que foi o historiador, jornalista, crítico, professor e escritor Sérgio Buarque de Holanda, o autor de **Raízes do Brasil**, livro escrito há 50 anos, que dá origem à mostra.

Ao percorrer os diversos painéis da exposição, que tem 150 peças — a maioria recolhida junto à família, a viúva de Sérgio Buarque de Holanda, d Maria Amélia, mostra o escritório do Pacaembu onde moraram 25 anos, e onde o historiador passava grande parte do seu tempo em meio a livros, microfilmes, blocos de anotações e baforadas de Gauloise, o cigarro preferido, com tudo enfumaçado e janelas fechadas, por medo de correntes de ar.

O jovem que chamou a atenção de Manuel Bandeira — quando, livro debaixo do braço e monóculo, atravessava o Largo da Carioca — pela "classe, a primeira qualidade que me chamou a atenção nele", mais tarde seria incluído em um trio de primeira, eleito pelo poeta:

— Há uns poucos, muito poucos escritores nossos cuja formação nos dá uma impressão de milagre. Como terá sido possível que chegasse a tamanha força e tamanha disciplina mental dentro do nosso atraso e da nossa desordem? Três, sobretudo, me espantam: Machado de Assis, João Ribeiro e Sérgio Buarque de Holanda.

Esse Sérgio Buarque de Holanda nomeado pelo poeta está, de corpo inteiro, na exposição da Fundação Casa de Rui Barbosa, organizada por Marco Paulo Alvim, museólogo e assessor cultural da casa.

— Depois que me casei com Sérgio — afirma d Maria Amélia — ele continuou ligadíssimo a jornal, colaborando com suas crônicas literárias em largos períodos, e leitor apaixonado, mas nos últimos 50 anos de vida era a história do Brasil que lhe ocupava o tempo. Sempre teve a intenção de estudar a evolução atual com base na história ou uma evolução da história chegando ao Brasil atual. Repetia constantemente que a história é um movimento, ao qual não se podia dar um ponto final. E o traço mais comovente que me vem à lembrança é a paixão e a alegria de trabalhar que ele tinha. Era horário integral; mesmo em nossas viagens ao exterior não parava de ler, visitar museus, buscar nos holandeses algo que tivesse a ver com o Brasil.

Ao lado de Francisco de Assis Barbosa, um dos amigos do historiador e diretor do centro de estudos históricos da Casa de Rui Barbosa, d Maria Amélia olhava tudo antes da inauguração, detinha-se em uma fotografia e aprovava, emocionada:

— Tudo o que está aqui é importante. Não posso tirar nada.

Cronológica, a exposição começa com a família de Sérgio Buarque de Holanda, depois vem a década de 20, quando era estudante de Direito, as primeiras colaborações nas revistas **Estética**, **Revista do Brasil**, **Klaxon**, correspondência com amigos e intelectuais, até chegar a **Raízes do Brasil**, escrito em 1936, com quase todas as suas 18 edições e até uma japonesa. Outro período destacado foi o que passou na Alemanha, de 1929 a 1930, como correspondente. Entrevistou Thomas Mann, descobriu que a mãe do autor de **A montanha mágica**, Julia, nascera no Brasil, e escreveu sobre o nazismo.

— Depois desta viagem — afirmou Francisco de Assis Barbosa — sua obra e sua vida tomaram outro sentido.

O historiador, que entrou para o PT como sócio-fundador em 1980, mesmo ano em que recebeu o troféu Juca Pato como o intelectual de 1979, aparece ao lado dos sete filhos, com os netos em aniversários de família, com um colete cheio de miçangas e pedrarias que Chico lhe deu em 1974, mas d Maria Amélia fez questão de não ser fotografada ao lado da foto de Chico com o pai e justificou:

— Essa brincadeira de Sérgio ser o pai de Chico tornou-se muito repetitiva.

Foto de Sonia d'Almeida



Jornal do Brasil  
9.12.1986

**O** que será inaugurada hoje às 19h na Fundação Casa de Rui Barbosa, não poderia ter sido melhor escolhido: "Gostaria de escrever uma História na qual o povo fosse o principal personagem". A frase, confidenciada a amigos antes de morrer, em 1982, espelha bem o que foi o historiador, jornalista, crítico, professor e escritor Sérgio Buarque de Holanda, o autor de *Raízes do Brasil*, livro escrito há 50 anos, que dá origem à mostra.

Ao percorrer os diversos painéis da exposição, que tem 150 peças — a maioria recolhida junto à família, a viúva de Sérgio Buarque de Holanda, d Maria Amélia, mostra o escritório do Pacaembu onde moraram 25 anos, e onde o historiador passava grande parte do seu tempo em meio a livros, microfilmes, blocos de anotações e baforadas de Gauloise, o cigarro preferido, com tudo enfumaçado e janelas fechadas, por medo de correntes de ar.

O jovem que chamou a atenção de Manuel Bandeira — quando, livro debaixo do braço e monóculo, atravessava o Largo da Carioca — pela "classe, a primeira qualidade que me chamou a atenção nele", mais tarde seria incluído em um trio de primeira, eleito pelo poeta:

— Há uns poucos, muito poucos escritores nossos cuja formação nos dá uma impressão de milagre. Como terá sido possível que chegasse a tamanha força e tamanha disciplina mental dentro do nosso atraso e da nossa desordem? Três, sobretudo, me espantam: Machado de Assis, João Ribeiro e Sérgio Buarque de Holanda.

Esse Sérgio Buarque de Holanda nomeado pelo poeta está, de corpo inteiro, na exposição da Fundação Casa de Rui Barbosa, organizada por Marco Paulo Alvim, museólogo e assessor cultural da casa.

— Depois que me casei com Sérgio — afirma d Maria Amélia — ele continuou ligadíssimo a jornal, colaborando com suas críticas literárias em largos períodos, e leitor apaixonado, mas nos últimos 50 anos de vida era a história do Brasil que lhe ocupava o tempo. Sempre teve a intenção de estudar a evolução atual com base na história ou uma evolução da história chegando ao Brasil atual. Repetia constantemente que a história é um movimento, ao qual não se podia dar um ponto final. E o traço mais comovente que me vem à lembrança é a paixão e a alegria de trabalhar que ele tinha. Era horário integral; mesmo em nossas viagens ao exterior não parava de ler, visitar museus, buscar nos holandeses algo que tivesse a ver com o Brasil.

Ao lado de Francisco de Assis Barbosa, um dos amigos do historiador e diretor do centro de estudos históricos da Casa de Rui Barbosa, d Maria Amélia olhava tudo antes da inauguração, detinha-se em uma fotografia e aprovava, emocionada:

— Tudo o que está aqui é importante. Não posso tirar nada.

Cronológica, a exposição começa com a família de Sérgio Buarque de Holanda, depois vem a década de 20, quando era estudante de Direito, as primeiras colaborações nas revistas *Estética*, *Revista do Brasil*, *Klaxon*, correspondência com amigos e intelectuais, até chegar a *Raízes do Brasil*, escrito em 1936, com quase todas as suas 18 edições e até uma japonesa. Outro período destacado foi o que passou na Alemanha, de 1929 a 1930, como correspondente. Entrevistou Thomas Mann, descobriu que a mãe do autor de *A montanha mágica*, Julia, nascera no Brasil, e escreveu sobre o nazismo.

— Depois desta viagem — afirmou Francisco de Assis Barbosa — sua obra e sua vida tomaram outro sentido.

O historiador, que entrou para o PT como sócio-fundador em 1980, mesmo ano em que recebeu o troféu Juca Pato como o intelectual de 1979, aparece ao lado dos sete filhos, com os netos em aniversários de família, com um colete cheio de miçangas e pedrarias que Chico lhe deu em 1974, mas d Maria Amélia fez questão de não ser fotografada ao lado da foto de Chico com o pai e justificou:

— Essa brincadeira de Sérgio ser o pai de Chico tornou-se muito repetitiva.

Foto de Sonia d'Almeida



*D Maria Amélia, viúva do historiador, ficou emocionada com a exposição que comemora os 50 anos de Raízes do Brasil*

*Journal do Brasil*  
9.12.1986